

Escola particular mantém matrículas

A procura por vagas nas escolas particulares do DF não diminuiu, apesar da possibilidade de atraso no reinício das aulas em virtude da insatisfação quanto ao índice de reajuste concedido pelo governo. Pelo menos é o que garantem diretores de alguns colégios, que justificam a necessidade de maior percentual de aumento, alegando o descongelamento do preço dos serviços e evasão de professores.

As escolas particulares pediam aumento de 125% nas mensalidades, mas o governo concedeu 35% e mais 15% negociáveis, o que levou a insatisfação generalizada no setor. Nesta segunda-feira, os diretores das entidades decidiram, em assembléia, acatar a posição da Fenen — Federação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino Superior, na qual as aulas não deveriam ser reiniciadas até que o governo apresente outro índice de fixação das mensalidades. No próximo dia 7, haverá novo encontro de avaliação do movimento, onde se decidirá a continuidade do adiamento das aulas.

Preocupação

De qualquer forma, segundo diretores de colégios particulares, as matrículas continuam a ser feitas, embora os pais demonstrem certa preocupação quanto ao andamento do período letivo. É o que explica o diretor do Sigma, Ronaldo Yungh, lembrando que as 930 vagas para 1º e 2º graus já foram preenchidas na parte da manhã. Na sua opinião, embora o reajuste não agrade, as entidades têm armas a favor que justificam a continuidade na procura. A rede pública, a seu ver, não apresenta a mesma qualidade de ensino, e o pai do aluno prefere pagar por um melhor padrão. Pelo menos neste aspecto concorda Jacino Rodrigues, um pai de estudante que se matriculou no Sigma. Preocupado e fazendo indagações quanto ao início das aulas, ele diz que não gosta de aumentos, mas não vê outra opção.

Ronaldo explica que, especificamente para seu colégio, o reajuste satisfatório estaria na casa dos 60%. Isto porque, segundo ele, os bons professores têm procurado outras atividades em função do baixo salário e, além disso, todos os serviços, como água e luz, por exemplo, já aumentaram. "Com Cz\$ 400,00, a mensalidade do aluno, não se janta em bom restaurante atualmente", argumenta.

Esperanças

Assim como o Sigma, o colégio Leonardo da Vinci continua efetivando matrículas com base

no valor congelado. Os alunos de 2º grau pagavam, no ano passado, a matrícula de Cz\$ 499,72 e mais cinco prestações. Caso as entidades não consigam aumento do reajuste concedido para este ano, os 35% serão repassados nas mensalidades. Marinete Nogueira, tesoureira do Leonardo, porém, diz que a direção guarda esperanças quando à mudança do índice.

Início

O início das aulas está previsto para o dia 17 de fevereiro, mas a tesoureira garante que a disposição em adiar o ano letivo é grande caso não seja resolvido o impasse. Quanto à procura, Marinete explica que das 19 turmas de 2º grau, apenas duas ainda não estão completas. Para ela, os pais sabem que o ensino particular proporciona melhores resultados. Além de apontar a evasão de profissionais, Marinete lembra que o custo do aluno em um ano aumentou significativamente, o que tornaria inviável recomençar as aulas com o reajuste de 35%.

Com previsão de abertura do colégio nos dias 9 e 10 de fevereiro, e também garantindo a procura para este ano, o diretor do Ceub, Carlos Alberto Cruz, prefere esperar as novas medidas econômicas e expor a posição do colégio de 1º e 2º graus na próxima reunião do setor. De qualquer forma, acredita ser difícil aceitação do aumento propiciado pelo governo a medida em que não acompanha os reajustes de serviços, salários e gastos relativos às condições de ensino, como material didático fornecido.

Rede pública

Ainda não é possível saber se houve um aumento considerável na procura por escolas da Fundação Educacional do DF em função da possibilidade de atraso nas aulas das entidades particulares ou mesmo diante de perspectivas de aumento maior nas mensalidades. Na Fundação, as matrículas não são automaticamente computadas e, além disso, ainda estão abertas. Informações concretas dizem respeito às previsões do Coplan, responsável por dados estatísticos da FEDF, que previu a disponibilidade de 250.075 e 47.517 vagas para o 1º e 2º graus respectivamente, para este ano. Os estudos, entretanto, foram feitos em novembro, antes da crise das escolas particulares. Herta Schmitz, da Coplan, reitera, entretanto, a posição já colocada por Fábio Bruno, secretário de Educação, que prometeu a absorção dos alunos, embora com o uso do turno intermediário.